

## VALORIZAÇÃO DA CULTURA DE UM POVO: PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Silvia Cristina Soares Cecilio Paixão (UEMS)  
[silvia2cristina@gmail.com](mailto:silvia2cristina@gmail.com)

### RESUMO

Com o objetivo de corroborar com produções que evidenciam a importância do uso de palavras de origem africana no ensino da língua portuguesa, este artigo busca refletir sobre este ensino com vistas à valorização da cultura africana e afrodescendente, como forma de favorecer a história e contribuição deste povo para a cultura brasileira. Com a observação de algumas práticas educacionais que podem ser enriquecidas de forma a atender a Lei Federal de nº10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura africana, utilizou-se como aporte teórico os Estudos Linguísticos Históricos com base nos estudos de Silva (2005), Faraco (1989) e Teyssier (1980), ao pontuar a relevância do conhecimento sobre a origem e a evolução da língua. Procuraremos dispor algumas reflexões sobre como o ensino da Língua Portuguesa, utilizando-se de palavras africanas, pode contribuir para uma educação multirracial.

#### Palavras-chave:

Lei 10.639/2003. Prática didática. Palavras africanas.

### ABSTRACT

With the objective of corroborating with productions that show the importance of the use of words of African origin in the teaching of the Portuguese language, this article seeks to reflect on this teaching with a view to enhancing African and Afrodescendant culture as a way to favor the history and contribution of this people to Brazilian culture. With the observation of some educational practices that can be enriched in order to comply with the Federal Law nº 10.639/2003, which made the teaching of African history and culture compulsory, the Historical Linguistic Studies were used as a theoretical contribution based on the studies of Silva (2005), Faraco (1989) and Teyssier (1980), by punctuating the relevance of knowledge about the origin and evolution of the language. We will try to provide some reflections on how the teaching of the Portuguese language, using African words, can contribute to a multiracial education.

#### Keywords

African words. Didactic practice. Law 10.639/2003.

### 1. Introdução

A história do Brasil há muito tem sido alvo de reflexões e análises por inúmeros pesquisadores. Contudo, inegável é o fato de que as contri-

buições dos povos indígenas e africanos sempre foram relegadas a segundo plano. Nas palavras de Munanga<sup>357</sup>:

A questão fundamental que se coloca é como ensinar a história desses povos que na historiografia oficial foi preterida e substituída pela história de um único continente, silenciando a rica diversidade cultural em nome de um monoculturalismo justificado pelo chamado sincretismo cultural ou mestiçagem, quando na realidade o que se ensina mesmo é a Europa com sua história e sua cultura. (MUNANGA, 2015, p. 20)

Partindo deste pressuposto, é que iniciaremos o diálogo sobre as contribuições do ensino da Língua Portuguesa, tendo como objeto de estudo o ensino de palavras de origem africana, como forma de efetivação da Lei Federal nº 10.639/2003<sup>358</sup>.

## **2. A língua portuguesa – breve histórico**

A história da língua portuguesa do Brasil, em muito se difere da Língua Portuguesa de Portugal, e isso em decorrência das influências recebidas ao longo de nossa história. Como marco histórico, a partir da chegada – oficial – dos primeiros portugueses na conquista de um novo território; dos povos originários que aqui habitavam e dos africanos es-

---

<sup>357</sup> Kabengele Munanga é antropólogo e professor brasileiro-congolês. Especialista em antropologia da população afro-brasileira, atentando-se a questão do racismo na sociedade brasileira. Nasceu na aldeia de Bakwa Kalonji, no Congo Belga, membro do povo luba. Aos dez anos deixou a aldeia para estudar em outras cidades. Em 1964 ingressou no curso de Ciências Sociais da Universidade Oficial do Congo, em Lubumbashi, inscrevendo-se dois anos depois no recém-criado curso de Antropologia. Ao terminar a graduação em 1969, foi convidado para fazer mestrado na Universidade de Louvain, na Bélgica e doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo (1977). Texto completo disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Kabengele\\_Munanga](https://pt.wikipedia.org/wiki/Kabengele_Munanga).

<sup>358</sup> Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (...). Texto completo disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

cravizados trazidos para o trabalho forçado, oriundos de diferentes países do Continente Africano.

No período de que estamos tratando a situação linguística do Brasil pode ser assim resumida. Os “colonos” de origem portuguesa falam o português europeu, mas evidentemente com traços específicos que se acentuam no decorrer do tempo. As populações de origem indígena, africana ou mestiça aprendem o português, mas manejam-no de uma forma imperfeita. Ao lado do português existe a língua geral, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas e, destarte, tomado uma língua comum. (TEYSSIER, 2014, p. 62)

Outro fator que devemos considerar no processo das influências ao nosso português, refere-se ao espaço físico, ou seja, o nosso português apresenta diferenças dialetais em regiões distintas, contudo, segundo Teyssier estes estudos científicos sobre este assunto ainda são insuficientes:

Há, desse ponto de vista, uma serie de níveis no “brasileiro”: no ápice, a língua das pessoas cultas (com gradações entre um registro oficial estrito e um registro familiar livre); depois, a língua vulgar das camadas urbanas gradativamente menos instruídas, e, finalmente, os falares regionais e rurais. Os estudos científicos a respeito desses diversos níveis de língua são ainda insuficientes. Além disso, as mutações rápidas ligadas a urbanização e a industrialização tornam a realidade atual particularmente instável. Mas é sem dúvida nas grandes cidades que se elabora hoje, nas camadas socioculturais superiores, uma norma brasileira. (TEYSSIER, 2014, p. 65)

Contudo, embora os registros sejam considerados escassos, oralmente podemos perceber as diferentes formas de se referir a um mesmo objeto, comida ou atitudes em diversas regiões do Brasil. Fato que reforça as influências de nossos ancestrais africanos, indígenas ou de origem europeia.

### **3. Contribuições para a língua portuguesa – palavras de origem africana**

Os trabalhos e estudos sobre a influência africana na língua portuguesa é recente, segundo as pesquisas de Alkimin e Petter:

O marco fundamental para os estudos da presença de línguas africanas no português do Brasil é a publicação, em 1933, de duas obras que instituem, de forma mais organizada, o debate sobre a presença africana na língua portuguesa falada no Brasil. São os trabalhos “A influência africana na língua portuguesa do Brasil”, de Renato Mendonça e o “Elemento

O trabalho, publicado em 1991, de John Schneider, é considerado:

(...) o mais recente e completo sobre os empréstimos de línguas africanas no português do Brasil. Reúne 2500 entradas lexicais, incluindo derivados e compostos que se formaram a partir da integração completa do africanismo no português do Brasil. Sua listagem leva em conta os africanismos presentes no Novo Dicionário Aurélio (1978), além de extensa pesquisa bibliográfica sobre o tema. Segundo informa na introdução (1991: XI–XIII), para elaborar o dicionário o autor considerou, também, outras fontes escritas e orais. (PETTER, in: NUNES, 2002, p.131)

Considerar que o ensino de Língua Portuguesa, atualmente, esteja comprometido em exemplificar para os estudantes do ensino fundamental, a origem e a complexidade que envolvem os estudos sobre a evolução da nossa língua, é quase que uma situação utópica se pensarmos na formação do profissional atuando em sala de aula. Como visto no parágrafo anterior, é um estudo recente, então a conscientização da importância desta contribuição, como forma de valorização e reconhecimento da cultura afro também é recente.

A herança africana em nossa cultura é muito forte, contudo, em alguns momentos fica relegada a visão folclórica e suas contribuições para a nossa língua, resumida a uma lista de palavras.

#### **4. Inovações na prática pedagógica para atender a lei nº 10639/2003**

A lei federal, que entrou em vigor no ano de 2003, foi resultado da luta e pressão de movimentos negros, sociedade civil, profissionais envolvidos e preocupados com o ensino da história e valorização da cultura africana para a cultura nacional. Contudo, como em muitos momentos, a lei chegou antes que houvesse material que atendesse a nova demanda.

Tanto os materiais e livros didáticos, quanto a própria formação dos professores não forneciam subsídios necessários para que a lei fosse atendida plenamente. Consideramos este, um dos motivos pelo qual o ensino da Língua Portuguesa ainda não considera o histórico da construção da língua nacional. Faz-se necessária a capacitação do profissional com este conhecimento linguístico para que possa atender o que pontua a lei.

O estudo sobre a origem de palavras africanas, ajudará o estudante

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

a desmistificar a crença de que a “África é um continente, não um país” – declaração que muitos professores ouvem em sala; poderão também, compreender que, os povos africanos, que para cá foram obrigados a vir, não falavam uma língua única, mesmo vindo de uma mesma região:

Temos provas de que foram faladas no Brasil as seguintes línguas: Nagô ou ioruba, quimbundo, gêge ou ewe, kanuri ou nifê, e guruncis. Provas estas que constam de vocabulários dessas línguas, coligidos pessoalmente por Nina Rodrigues e outros. Destas se salientaram duas que foram adotadas pelos negros no país, como línguas gerais: o nagô ou ioruba na Bahia e o quimbundo no Norte e no Sul.

O quimbundo, pelo seu uso mais extenso e mais antigo, exerceu no português uma influência maior do que o nagô, razão por que passamos a analisar-lhe a estrutura no capítulo seguinte. Com efeito, no vocabulário os termos quimbundos superam e de muito os termos nagôs, de circulação bem mais restrita. (MENDONÇA, 2012, p.63)

Inovações na prática pedagógica – com certeza já começam a florir em diferentes salas, de várias cidades em estados por todo nosso território, contudo, ainda podemos considerar práticas isoladas que não tem a devida visibilidade.

Mais do que palavras, a contribuição do povo africano no contexto lexical brasileiro, remete a aceitação de contribuições sociais, econômicas, políticas e principalmente, no campo religioso.

### **5. Considerações finais**

O enriquecimento do conhecimento do estudante no ensino da Língua Portuguesa, com a exploração sobre a origem de determinadas palavras, favorecerá e muito a identidade do aluno afro descendente. Pois este terá em sala, a comprovação de que seus ancestrais deixaram suas marcas além das construções em pedras, além dos canaviais e plantações de café.

Estas contribuições estão na literatura, nas palavras de uso cotidiano e influenciaram a maneira peculiar do brasileiro falar, que difere e muito de seus colonizadores, segundo Yeda Castro:

O influxo de línguas negro-africanas no português do Brasil não se limitou aos aportes de vocabulário, porque foi mais profundo do que se admite como parte do processo de configuração do perfil da língua falada no Brasil e das diferenças que a afastaram do português falado em Portugal. [...] O grau de resistência oferecido à mudança e à integração pelos diferentes povos africanos que foram transplantados para o Brasil durante a escravidão é decorrente de fatores históricos, sociais e econômicos que

lhes foram mais ou menos favoráveis e não devido à superioridade de uma determinada cultura sobre outras, como se tem pretendido. [...] (CASTRO, 2001, p. 129)

O ensino da Língua Portuguesa, com a preocupação em apresentar as contribuições de outros povos, sem dúvida é um caminho a ser conquistado a passos lentos, pois é uma busca que começa com o envolvimento político de cada profissional ligado a educação, envolvimento que questiona a história oficial, que apresenta “sentidos outros” (ORLANDI) para uma mesma frase, que ouve no “silêncio” (ORLANDI) do seu aluno, uma explosão de dúvidas sobre sua própria identidade e tenta, com a sua prática, encontrar ferramentas para o enfrentamento ao preconceito e a discriminação; fatores que tornam tão difícil o ensino para uma educação multirracial.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKIMIM, Tânia; PETTER, Margarida. Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje. In: FIORIN, José L.; PETTER, Margarida. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 145-78.

BRASIL. MEC. *Lei 10639/03, de 10 de janeiro de 2003*. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>; Acesso em 24 de abr. 2011.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: ABL/TOPBOOKS, 2001.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2012.

NUNES, José Horta. *História do saber lexical e constituição de um léxico Brasileiro*. São Paulo: Humanitas / FFLCH/ USP: Pontes, 2002. Termos de origem africana no léxico do português do Brasil. p.123-45.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2014.